



PEDRO VELOSA
NAVEGADOR

“As dunas de Iquique e a pimenta de uma etapa maratona”

A travessia dos Andes é sempre uma experiência indescritível. Passar algumas horas a mais de 4000 metros de altitude o que inclusive nos obriga a utilizar oxigênio durante a ligação é, já por si, uma situação complicada. Juntando a isto o facto de no Dakar não haver ‘tempo’ para se ficar doente com os sintomas da altitude torna tudo mais difícil. Neste ambiente, tudo o que fazemos tem de ser ponderado e sempre com muita calma. Para terem uma noção, mudar uma roda custa tanto como mudar cinco de seguida em Portugal devido ao facto de o oxigênio ser mesmo bastante reduzido. Evitar furos, acidentes ou surpresas é a palavra de ordem neste ambiente! Para compensar, a paisagem é uma coisa do outro mundo, deslumbrante, e o que tem de inóspito supera em dobro ao nível beleza natural de um ambiente muito particular! Do outro lado da cordilheira, e mais abaixo, já nos esperava a dureza de um deserto que continua a ser determinante no fator seleção de mais um Dakar. Temperaturas muito altas e um solo extremamente abrasivo, onde as largas secções fora de pista, por zonas de pedra, mais fazem lembrar uma prova de trial que parece não ter fim. Estas zonas alternam com zonas rápidas de muito fesh fesh e armadilhas que aparecem a cada quilómetro, o que faz com que a atenção e concentração estejam sempre ao nível máximo. Muitas são as viaturas que tem sucumbido a uma lei mais forte do Atacama! A nossa máquina também teve os seus problemas nos amortecedores e, numa das etapas, fomos obrigados a fazer mais de 500 km sem vidro frontal, no meio de um “fesh-fesh” impressionante. Não foi uma etapa fácil e só conseguimos chegar ao Bivouac perto da meia-noite. A essa hora, no deserto, o frio faz-se sentir e contrasta de forma incrível com as temperaturas sentidas durante o dia. Mais uma vez, o descanso era imperativo e depois de tratarmos de tudo conseguimos dormir duas horas! Acreditem, esse soninho soube a pato! Iquique aguardava a nossa chegada, a cidade estava em festa mas antes ainda havíamos de passar por muito calor, areia e por uma vista incrível sobre o oceano pacífico, um cenário ideal para umas merecidas férias. Porém, esse não é o nosso caso.

A dureza das etapas tem sido cada vez maior e a travessia de largas proporções de dunas na zona de Iquique tira o sono a qualquer um na véspera! Atravessar 50km de dunas, extremamente recortadas e muito altas, num camião de 9 toneladas não é fácil! A navegação aqui é importantíssima e não parar nem voltar atrás em busca de cada waypoint é o fator chave! Aqui podemos dizer que temos estado como “peixe na água” e as etapas vão correndo muito bem. Os 950 cavalos do nosso Iveco também nos tem ajudado bastante na travessia de um oceano de dunas virado para o Pacífico. Ao segundo dia em Iquique fomos brindados com uma etapa maratona, ou seja não houve assistência e acabamos por ficar bastante isolados no meio do deserto, unicamente com a nossa tenda e saco de cama. Aqui todos fomos mecânicos, e fazer uma boa revisão nessa noite foi importantíssimo, pois a dureza destas duas etapas faz estragos em qualquer mecânica! Na chegada a Iquique, sabíamos que nova dose de dunas nos esperava mais uma vez. O aproximar destas formas femininas, de uma beleza rara, pode ser enganadora! Mais uma vez alerta máximo para a navegação, não há espaço para erros- Os Deuses do Atacama tiveram connosco uma vez mais, permitindo que desfrutássemos de um final de etapa onde tivemos de descer uma duna com cerca de 3km. O cenário era... (não há palavras...).

Ao fim da primeira semana, a MINI está na frente do Dakar e isso não nos podia deixar mais contentes como assistência rápida. Este é um carro de topo e a X-Raid possui um ADN vencedor. O dia de descanso foi bom para retemperar forças e por as máquinas a postos para mais uma semana de batalha contra as forças da natureza, humildade e adaptação é a palavra de ordem! “Ce le Dakar patron!”

Suspensão ‘trava’ Carlos Sousa

A **SUSPENSÃO** do Mitsubishi ASX Racing de Carlos Sousa tem sido a grande dor de cabeça da equipa, já que sem esse problema o objetivo de lutar por um lugar nos seis primeiros do Dakar era perfeitamente alcançável, e o piloto luso tem mostrado isso mesmo. Sempre muito rápido e regular, Sousa conseguiu chegar ao sétimo lugar, com boas perspectivas de chegar mais à frente, mas logo no dia seguinte perdeu quase meia hora com a questão da suspensão, problema que a equipa resolveu, espera-se, no dia de descanso. O AutoSport sabe que a dupla Sousa/Fiúza levou autênticas ‘tareias’ dentro do carro, sendo que é notável que se mantêm na luta por um lugar no *top 10*. Presentes em Iquique estiveram técnicos de suspensões, que podem ter permitido a Sousa lutar com outras armas até Buenos Aires, ainda que o tempo perdido

até aqui dificilmente permita subir muito mais: “A prioridade foi encontrar a solução para os problemas de suspensão que nos atormentaram quatro dias. Sem isso, acredito que poderíamos estar a discutir um lutar entre os seis primeiros, que era o nosso grande objetivo e uma meta perfeitamente realista para o potencial que este carro já demonstrou. Tivamos cá uma equipa de técnicos só para trabalhar nas suspensões, vamos ver como tudo fica para a segunda metade do rali e o que ainda será possível fazer. De qualquer forma admito que já não será muito fácil evoluir muito em termos de classificação, mas vamos dar o nosso melhor e esperar por qualquer surpresa até final”, prometeu Carlos Sousa, que continua a ter em pista a preciosa ajuda dos colegas de equipa, Guilherme Spinelli e Youssef Haddad.

Filipe Palmeiro muito perto do *top 10*

FILIFE PALMEIRO, que navega o chileno Boris Garafulic, tem vindo a realizar um Dakar muito ‘certinho’, e depois de terem tentado ajudar Nani Roma quando este teve o seu problema, a partir daí foi sempre a recuperar posições

até ao 11º lugar em que se encontram no momento em que escrevemos estas linhas, antes do dia de descanso. Já chegaram inclusivamente a entrar no *top 10* das etapas, e a margem para entrar no *top 10* da geral não é grande, sendo esse o grande objetivo, já que até aqui o melhor que o chileno conseguiu foram dois 11º lugares.

Já para Vítor Jesus, que navega Nazareno López numa Toyota Hilux, as expectativas são mais limitadas, pois o ‘seu’ piloto argentino estreiou-se no Dakar. Depois das dificuldades dos primeiros dias, a dupla tem vindo a melhorar a cada dia que passa, com posições muito perto do *top 20*, entremeadas por outras tiradas



menos conseguidas. De qualquer modo, a classificação tem vindo a melhorar bastante, e depois de terem estado na 82ª posição, já re-entraram nos 50 primeiros. Já Pedro Velosa, cuja equipa tem por missão ajudar, está no *top 30*, depois de já ter obtido um 18º lugar numa etapa. Os Kerax Renault de Michel Boucou e de José Martins lá andam, com muitas aventuras pelo meio, como por exemplo sucedeu a este último, que já teve de pernoitar no deserto depois de ter ficado sem bateria no seu camião. No Dakar ‘lá da frente’ luta-se pelas etapas e pelo triunfo, mas ‘neste’ Dakar cá de trás, vivem-se experiências memoráveis, autênticas lições de vida.

RICARDO LEAL DOS SANTOS A RECUPERAR BOM ANDAMENTO E ALGUNS AZARES

RICARDO Leal dos Santos propôs-se à partida do Dakar alcançar um lugar no *top 20* e pelo que começou por fazer esse objetivo estava completamente ao alcance, apesar de alguns contratemplos. Em primeiro lugar foi a suspensão, depois noutra etapa ficou sem travões atrás e na seguinte atascou. Tudo coisas normais no Dakar, que é um evento que por vezes esconde surpresas desagradáveis. Perto do final da sexta etapa, a Nissan foi abalroada numa zona de dunas por um camião que desfez toda a lateral do carro. Um pouco mais tarde foi a vez do *buggy* ‘Carocha’ do belga Stéphane Henrard. Tudo junto, três horas perdidas, mas a equipa já está novamente em

plena recuperação: “Estávamos parados nas dunas mas suficientemente visíveis quando um camião entrou pela nossa Nissan, depois foi o *buggy* do Henrard. No dia seguinte, uma tempestade fez o caudal dos rios subir e o caos instalou-se. Na etapa do lago salgado de Uyuni tudo correu normalmente. Penso que foi um fecho de semana positivo depois de três dias muito complicados, onde perdemos muito tempo mas conseguimos superar todas as dificuldades que foram surgindo”, salientou Ricardo Leal dos Santos, que depois de ter caído do 20º lugar para o 30º, já está em plena recuperação. Vamos ver até onde chega, numa prestação muito positiva do piloto da BAMP.

